TUFFANI, Eduardo. Revisão de um compêndio de tupi antigo. *Revista Philologus*, Rio de Janeiro, Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Lingüísticos, ano 15, n. 43, p. 168-174, jan./abr. 2009.

_____. _____. *Revista da Academia Brasileira de Filologia*, Rio de Janeiro, v. 9, p. 58-63, 2. sem. 2011.

REVISÃO DE UM COMPÊNDIO DE TUPI ANTIGO

Eduardo Tuffani (UFF)
etuffani@yahoo.com.br

RESUMO

Trata-se aqui da revisão exigida pelo tradicional compêndio para o estudo do tupi antigo. A obra em apreço, o *Curso de tupi antigo* de A. Lemos Barbosa, apresenta questões que o inserem na problemática do tupi, vinculada à utilização de uma fonte primordial para o conhecimento do léxico dessa língua.

Palavras-chave: Tupi Antigo; Tupinambá; Léxico; Ensino de língua.

O trabalho que eu venho desenvolvendo consiste na revisão de um compêndio para o estudo do tupi. O livro objeto de tanto é o *Curso de tupi antigo* de A. Lemos Barbosa (1956). Para que se possa avaliar a importância dessa atividade, é necessário fazer um apanhado da tupinologia do século XVI ao presente.

Em se tratando de tupi, nunca é demais retomar os pontos que, apesar de esclarecidos nas últimas décadas, continuam desconhecidos do grande público, mesmo instruído. Não se deve confundir o tupi com o guarani, porque ambos foram tratados como línguas distintas por quem as documentou, sobretudo os jesuítas, e pela maioria dos tupinólogos do século passado. Tanto o tupi antigo como o guarani antigo são hoje línguas mortas, e a única forma de aprendê-los é por meio de textos. O guarani falado atualmente no Paraguai e o nheengatu ou tupi moderno são línguas que derivam respectivamente dos dois antigos idiomas falados *grosso modo* na Bacia Platina e na costa brasileira. A transição do tupi, tupinambá ou língua brasílica para o nheengatu é o brasiliano, que foi falado no Maranhão e no Pará por volta do século XVIII.

As principais fontes para o estudo do tupi são gramáticas, vocabulários, catecismos e poemas religiosos. Alguns desses trabalhos foram reelaborados posteriormente, o que torna às vezes imprecisa a autoria. Nenhum dos grandes vocabulários organizados pelos missionários foi publicado no período colonial, sendo o mais extenso deles o anônimo *Vocabulário na língua brasílica*, cujo manuscrito mais recente foi confeccionado em 1621/1622 em São Paulo.

Depois que a língua em questão deixou de ser falada, ao que se pode acrescentar a política do Marquês de Pombal, perderam-se as cópias dos vocabulários tupis utilizados

pelos jesuítas, sobretudo o *Vocabulário na língua brasílica*. Assim sendo, aqueles que, a partir de então, interessaram-se pelo tupi, começaram a usar vocabulários guaranis, ao que se somou a identificação do tupi com suas variantes posteriores, o brasiliano e o nheengatu, também conhecido como língua geral amazônica ou tupi amazônico. No século XIX, com o Romantismo, a tupinologia retomou impulso, mas, em meio a tal situação caótica, a maior parte dos trabalhos realizados acabou comprometida, uma vez que não se dispunha de um léxico da língua.

O quadro só se alterou nos anos 30 do século XX com o encontro e a publicação do *Vocabulário na língua brasílica* (1938), a partir do que se iniciou uma nova fase nos estudos tupis, quando se instituíram cadeiras especializadas em algumas universidades. Mas tal edição do *Vocabulário*, a cargo de Plínio Ayrosa, ressente-se das falhas provenientes da cópia utilizada para o estabelecimento do texto. Uma vez que as correções apontadas nessa edição chegavam a mais de quatrocentas (MARTINS, 1949), fez-se necessária uma nova edição com base em outros manuscritos, trabalho de Carlos Drumond (*Vocabulário na língua brasílica*, 1952-1953). Nesse lapso de tempo, alguns tupinólogos serviram-se do *Vocabulário* como fonte de suas pesquisas, o que comprometeu em parte os trabalhos daí originados, sendo essa a situação do *Curso de tupi antigo* de Lemos Barbosa. O autor do *Curso* tanto tinha consciência da revisão que a sua obra exigia que fez uma longa errata ao seu trabalho mais divulgado, o *Pequeno vocabulário tupi-português* (1967). O confronto das duas edições do *Vocabulário* com a errata de Lemos Barbosa (1970, p. 224-228), no caso para a revisão do *Curso*, revela que boa parte das correções deve-se aos erros da primeira edição do *Vocabulário*, confirmando Lemos Barbosa da forma que vinculou a sua leitura de texto à edição de Plínio Ayrosa (BARBOSA, 1967, p. 205; *id*., 1970, p. 224).

A revisão que ora se faz desse compêndio foi necessária para o preparo de um curso semestral de tupi antigo, ministrado duas vezes no Campus de Assis da Universidade Estadual Paulista, curso esse que se pretende tornar anual, dando prosseguimento ao trabalho em questão.

Em "Tarefas da lingüística no Brasil", Aryon Dall'Igna Rodrigues afirma ser a investigação das línguas indígenas a maior tarefa da linguística no Brasil (1966, p. 5-6). No entanto, com relação às línguas indígenas mortas, e, neste caso do tupi, o caráter do estudo é marcadamente filológico (RODRIGUES, 1952, p. 57). Pesquisas nesse sentido merecem as principais fontes para o estudo do tupi, bem como as subsidiárias, as obras dos viajantes, cronistas e naturalistas dos séculos XVI e XVII. O trabalho aqui apresentado, de que se fornece o resultado na seqüência em forma de errata, vincula-se à problemática do tupi, isto é, a questão ligada ao léxico da língua.

ERRATA[1]

Onde se lê	Leia-se	Página	Linha
Aîyra (*t*)	*Aîyra* (*t*, *t*)	426	7

[1] Procura-se não anotar as incorreções provenientes de lapsos do autor e do editor.

Akué	*Kué*[2]	32	8
*Amũĩa*1 (*t*)	*Amũĩa*1 (*t*, *t*)	425	5
Amyîa (*t*)	*Amyîa* (*t*, *t*)	426	27
A-nheng	*A-nheeng*	155	24
Ao filho	À filha	423	26
Aõa	*Aûã*[3]	55	1
		55	23
		55	24
		55	27
		459	30
Apûã	*Apuá*[4]	60	29
		401	20
		460	6
Apûã	*Apûá* (*s*)[5]	85	20
		85	26
		460	7
*Arõ*1	*Arõ*1 (*s*)[6]	416	2
*Arõ*2 (*s*)	*Arõ*2[7]	416	2
Ayra (*t*)	*Ayra* (*t*, *t*)	426	4
		436	27
Ayrĩ (*t*)	*Ayrĩ* (*t*, *t*)	63	13
Crescentes	Decrescentes	30	16
Decrescentes	Crescentes	30	22
Despertar	Adormecer	39	7
Do pai	Da mãe	425	24
		425	25
E	*É*	95	2
É e *o*	*E* e *o*	411	7
Emi-minó	*Emi-minõ*[8]	422	4
		422	18
		423	30
*E-mi-reko*4 (*t*)	*E-mi-rekó*4 (*t*)	427	13

[2] Barbosa, 1956, p. 195, 464; *id*., 1970, p. 17; *Vocabulário*, 1952, v. 1, p. 17.

[3] Barbosa, 1970, p. 32, 225; *Vocabulário*, 1952, v. 1, p. 109; Edelweiss, 1969, p. 145.

[4] Barbosa, 1967, p. 206; *id*., 1970, p. 225; *Vocabulário*, 1953, v. 2, p. 99.

[5] Barbosa, 1967, p. 206; *id*., 1970, p. 225; *Vocabulário*, 1953, v. 2, p. 41.

[6] Barbosa, 1967, p. 35; *Vocabulário*, 1952, v. 1, p. 126.

[7] Barbosa, 1967, p. 35; *Vocabulário*, 1952, v. 1, p. 54.

[8] Barbosa, 1956, p. 426, 461; *id*., 1967, p. 55; *id*., 1970, p. 146; *Vocabulário*, 1953, v. 2, p. 49.

É-rama	*Er-ama*[9]	103	22
Exceções: *marã-t-ekó* batalha,	Exceção: *marã-t-ekó* batalha;		
Amã-tiri raio; mas tendem a	Mas tende a perder a nasal:		
Perder a nasal: *marã-t-ekó*,	*Marã-t-ekó*[10]		
Amã-tiri		39	15-16
Eŷmi	*Eými*	32	3
F. *i îuká-pyr-ama*:	F. *kõî-gûama*; p. *kõî-gûera*		
O que será morto		101	31
F. *kõî-gûama*; p. *kõî-gûera*	F. *i îuká-pyr-ama*:		
	O que será morto	101	27
Gûaîmĩ	*Gûaîbĩ*[11]	428	33
*Gûaîmĩ*6	*Gûaîbĩ*6[12]	427	15
(h.)	(m.)	45	6
I suí	*I xy suí*	72	7
Isiĩ (*t*)	*Ysyĩ* (*s*)[13]	63	13
Kaîá	*Akaîá*[14]	29	28
Kaîî-é	*Kaî-é*	95	10
Ko	*Kó*	76	25
		76	26
Kumandá	*Komandá*[15]	52	28
		63	10
Kumandá-í	*Komandá-ĩ*[16]	63	10
Kumandá-ĩ	*Komandá-ĩ*[17]	52	29
Lambari	Sardinha[18]	104	27
(m.)	(h.)	45	6

[9] *Era + ama = er-ama*.

[10] Barbosa, 1967, p. 205; *id*., 1970, p. 224.

[11] *Id*., 1956, p. 462; *id*., 1967, p. 62; *id*., 1970, p. 207; *Vocabulário*, 1953, v. 2, p. 143.

[12] *Id*., *ibid*.

[13] Barbosa, 1956, 463; *id*., 1967, p. 70; *id*., 1970, p. 159; *Vocabulário*, 1953, v. 2, p. 78.

[14] Barbosa, 1967, p. 206; *id*., 1970, p. 225.

[15] *Id*., 1967, p. 207; *id*., 1970, p. 226; *Vocabulário*, 1952, v. 1, p. 135.

[16] Barbosa, 1967, p. 207; *id*., 1970, p. 226; *Vocabulário*, 1952, v. 1, p. 136.

[17] *Id*., *ibid*.

[18] Barbosa, 1970, p. 185, 228; *Vocabulário*, 1953, v. 2, p. 113.

Marã-é-tenhéa	*Mará-é-tenhéa*[19]	95	23
Mbaé-te-pé	*Mbaé-te-pe*	80	4
Mo-apûã	*Mo-apûá*[20]	85	18
Nd'ere-î-pysyk	*Nd'ere-î-pysyk-i*[21]	91	21
Nd'ere-s-epîak-pe	*Nd'ere-s-epîak-i-pe*[22]	89	22
O-îtyk	*O-ityk*[23]	77	12
Ou *Itaîyb*	Ou *Itaîyp*	177	3
*P, t, k, ?, m, n, *n, nh, mb,*	*P, t, k, ?, b, m, n, *n, nh, mb,*		
**ng, s, x, h, r, î, û,* ŷ	*Nd, *ng, s, x, h, r, î, û,* ŷ[24]	414	15
Peé	*Peẽ*	58	2
Pe-kûáî	*Pe-kûãî*	92	3
Pe-kyrirĩ	*Pe kyrirĩ*[25]	96	26
Pe-kytĩ	*Pe-î-kytĩ*[26]	115	26
*Piá*8	*Piá*3	429	11
Pysapema	*Pysapẽ*[27]	43	11
		469	47
Pysá-pema ← pysã-pema	*Pysá-pẽ ← pysã-pẽ*[28]	40	28
Ramyî	*R-amyîa*	105	11
R-esá-gûyrib	*R-esá-bang*	405	6
R-esé-be	*R-esé-bé*	96	22
Sabé-aîó	*Ambé-aîó* (*s*)[29]	77	1
Tuîá(*-bae*)	*Tuĩ-bae*[30]	48	11

[19] *Mará-é-tenhéa ← marã-é-tenhéa* (BARBOSA, 1956, p. 40; *id*., 1970, p. 45).

[20] *Id*., *ibid*., p. 28.

[21] Ausência do sufixo negativo *-i*.

[22] *Id*.

[23] *O-îtyk* não está incorreto pois os temas verbais começados por *i* e *u* pré-tônicos podem semivocalizar-se, mas Lemos Barbosa optou por não registrar tal fenômeno (1956, p. 65).

[24] *B* e *nd* também podem iniciar sílaba ou palavra (*id*., *ibid*., p. 413).

[25] Neste caso, a predicação se exprime com a anteposição do pronome pessoal *pe*, e não com o prefixo pessoal *pe-*, característico dos verbos.

[26] Ausência do pronome objetivo *-î-*.

[27] Barbosa, 1967, p. 208; *id*., 1970, p. 227; *Vocabulário*, 1953, v. 2, p. 139.

[28] *Id*., *ibid*.

[29] Barbosa, 1967, p. 208; *id*., 1970, p. 227; *Vocabulário*, 1952, v. 1, p. 57.

Tunhá(*-bae*)	*Tunhã-bae*[31]	48	11
Uba (*t*)	*Uba* (*t*, *t*)	428	27
		428	28
		436	24
*Uba*2 (*t*)	*Uba*2 (*t*, *t*)	425	13
Xe-bo, *xe-bo*	*Xe-be*, *xe-bo*	94	19
*Ybyra*6 (*t*)	*Ybyra*6 (*t*, *t*)	425	33
Ykera (*t*)	*Ykera* (*t*, *t*)	425	26
Ykeyra (*t*)	*Ykeyra* (*t*, *t*)	425	26
Ynysema (*t*)	*Ynysema* (*t*, *t*)	49	8
Elimene-se	*Amá-tiri*[32]	459	3
	Amá-tiri ← *amã-tiri*[33]	40	28-29
	E6	425	31
Acrescente-se	Não seja eu;	93	6

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, A. Lemos. *Curso de tupi antigo*: gramática, exercícios, textos. Rio: São José, 1956.

_____. *Pequeno vocabulário tupi-português*. Com quatro apêndices: perfil da língua tupi, palavras compostas e derivadas, metaplasmos, sintese bibliográfica. 3. ed. Rio de Janeiro: São José, 1967 [1951].

_____. *Pequeno vocabulário português-tupi*. Com um apêndice: nomenclatura de parentescos. Rio de Janeiro: São José, 1970.

EDELWEISS, Frederico G. *Estudos tupis e tupi-guaranis*: confrontos e revisões. Rio de Janeiro: Brasiliana, 1969.

MARTINS, M. de L. de Paula. Vocabulários tupis: o problema VLB. *Boletim Bibliográfico*, São Paulo, Biblioteca Pública Municipal de São Paulo, v. 13, p. 59-93, 1949.

[30] Barbosa, 1956, p. 472; *id*., 1967, p. 153; *id*., 1970, p. 207; *Vocabulário*, 1953, v. 2, p. 143. Algumas das notas, como esta, também se devem a comunicação pessoal feita pelo Prof. Aryon Dall'Igna Rodrigues, neste caso em questão, no entanto, o mais acertado aponta para *tũî-bae*, conforme lição de Frederico G. Edelweiss (ano?), assim, em passagem aqui sem referência.

[31] Barbosa, 1956, p. 59, 472; *id*., 1967, p. 153; *id*., 1970, p. 207; *Vocabulário*, 1953, v. 2, p. 143.

[32] Barbosa, 1967, p. 205; *id*., 1970, p. 224.

[33] *Id*., *ibid*.

RODRIGUES, Arion Dall'Igna. Análise morfológica de um texto Tupi. *Logos*: Revista Cultural do Centro Acadêmico da Faculdade de Filosofia da Universidade do Paraná, Curitiba, ano 7, n. 15, p. 56-77, mar. 1952.

_____, Aryon D. Tarefas da lingüística no Brasil. *Estudos Lingüísticos*: Revista Brasileira de Lingüística Teórica e Aplicada, São Paulo: Instituto de Idiomas Yázigi, v. 1, n. 1, p. 4-15, jul. 1966.

VOCABULARIO na lingua brasílica. Manuscrito português-tupí do seculo XVII, coordenado e prefaciado por Plinio Ayrosa. São Paulo: Departamento de Cultura, 1938.

VOCABULÁRIO na língua brasílica. 2. ed. rev. e confrontada com o ms. fg., 3144 da Bibl. Nacional de Lisboa por Carlos Drumond. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1952-1953 [1938]. 2 v.